



Estratégia de
Saúde da Família



Ganhador Macrorregional VALES—ESF



QUANDO UM ANJO VISITA OUTRO

*“E de casa em casa
eu sigo meu destino,
e levo comigo muito
mais que esperança:*

*Um olhar atento,
Um aperto de mão,
O mais belo sorriso,
Para muitos a sal-
vação”.*

Naquela manhã de feve-
reiro, parecia que o dia seria
como outro qualquer, um dia
comum naquela pequena unida-
de de saúde do interior do municí-
pio: Posto cheio, procedimen-
tos, rotina. Porém, aquele dia
jamais será esquecido.

Quando chegamos à
unidade, a Agente Comunitária
de Saúde já nos esperava, visi-
velmente angustiada. - Enfer-
meira! O bebê da C... eu fui
visitar... não me parece nada
bem. Não ganhou peso. Os
vizinhos contaram que ele ga-
nha leite azedo pra tomar. A
mamadeira está sendo enrolada
ao redor de sua cabeça, assim
ninguém precisa segurá-la. Ele
estava tão bem há 15 dias, mas
agora...

Quando a criança chega
até a unidade, não consigo
disfarçar a preocupação e im-
ediatamente invado o consultório
da médica: - Dra., a criança
está aqui! Deitado sobre a me-
sa de exames, o pequeno esta-
va inerte. Cabecinha virada
para o lado, seus arcos costais
estavam todos visíveis. Respira-
va mal. Seu corpo estava hipotô-
nico; os reflexos mais básicos
todos prejudicados. Olhar no
vazio... olhar de quem sequer
consegue chorar para pedir
socorro.

A médica examina deli-

cadamente aquela criança, mas
não reage. Uma de suas mãos
segura a mão do bebê e a outra
desliza sobre seu pequenino
rosto. Nenhuma palavra é dita.
Parece estar em choque. Ela
sai da sala e eu a sigo. Vai até
à pequena farmácia e pega um
vidro de antibiótico. Ela me olha
e diz: - Meu Deus! Vamos per-
der esse bebê...

Colocamos mãe e crian-
ça no carro e saímos em dire-
ção ao hospital cerca de 20 km
dali. Chegando no hospital, a
gravidade do caso fica ainda
mais evidente. O bebê está
saturando mal. Seus pulmões
travam uma batalha minuto a
minuto contra uma pneumonia
de aspiração. Os recursos dis-
poníveis no nosso município já
não são suficientes para atendê-
-lo. Nosso pequeno guerreiro
segue viagem para lutar pela
vida num leito intensivo.



Prêmio
Salvador
Célia

Perplexidade.... num
primeiro momento, foi tudo o
que podemos sentir. Ninguém
conseguiu entender como uma
mãe com ensino médio podia
não ter percebido que seu filho
estava morrendo? Nossa médi-
ca ficou dias sem dormir. Aque-
la imagem não lhe saía da men-
te. Como era possível uma cri-
ança tão pequena ser negligên-
ciada daquela maneira? Como
um município com recursos
adequados poderia ter uma de

suas crianças naquela situação,
como uma criança etíope? A
perplexidade cedeu logo lugar à
raiva, à indignação pela negli-
gência presenciada.

Temos uma tendência
enorme a procurar culpados. E
a nossa responsabilidade?
“Somos responsáveis por aquilo
que fazemos, pelo que não
fazemos e pelo que impedimos
de fazer”. Somos responsáveis
quando achamos que as ma-
mães fazem o pré-natal e isso
significa que elas estão orienta-
das. Somos responsáveis quan-
do nosso olhar é superficial e
não tem a real dimensão da
complexidade do ser humano.

Nosso pequeno lutou
bravamente e resistiu. Nossa
equipe, por sua vez, teve que
se render à constatação de que
nem sempre o que estamos
propondo é o que o paciente
necessita e que muitas vezes
não temos respostas ou sabe-
mos o melhor caminho a seguir.
Talvez essa criança nunca ve-
nha a saber o que fizemos por
ela, mas o que ela fez por nós
jamais será esquecido.

Não sei ao certo o que
levou a Agente de Saúde até
aquela casa naquele dia: intui-
ção, acaso, rotina ou destino. O
fato é que essa visita salvou
uma vida. E assim tantas e
tantas vidas são poupadas to-
dos os dias, graças a esses
anjos: anjos que visitam outros
anjos.

Autor: Fabíola Fontana Favaretto

Município: Marques de Souza